

PIONEIROS



Fran Teixeira Gonzaga Lima

Orgulho pelo trabalho pioneiro na medicina

Arquivo pessoal



VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

O cardiologista Fran Teixeira Gonzaga Lima exhibe com orgulho o número de seu registro no Conselho Regional de Medicina. Com o CRM DF 007, o pioneiro brinca dizendo que é “uma espécie de 007 (o superagente do cinema) da medicina local”. É justamente dessa maneira, com muito bom humor e simpatia, que Fran procurou levar seus 44 anos de Brasília, cidade que ele viu ser inaugurada e da qual nunca mais se separou.

Fran Gonzaga Lima chegou à capital aos 24 anos de idade, no mês de janeiro de 1960, recém-formado em medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais. “Meu futuro sogro, Lucas Viana Neiva, era engenheiro da Novacap e já morava aqui há dois anos. De tanto ouvir que as oportunidades seriam boas na nova capital, acabei vindo para cá morar como ele”, explica Fran, que na época era noivo da filha de Lucas, Ana Lúcia, com quem se casou no ano seguinte e teve seus quatro filhos — três dos quais brasileiros. “Na época, os médicos de Brasília ganhavam relativamente bem e eu conseguia ir a Belo Horizonte visitá-la quase todo mês”, afirma Fran, que hoje está em seu segundo casamento, com Maria do Socorro Diniz.

A primeira moradia de Fran na cidade foi no acampamento da Metropolitana, empresa para a qual o sogro dele trabalhava, localizado próximo à Cidade Livre. “Era um dos acampamentos com mais infra-estrutura da época. Para começar não eram alojamentos, mas sim cerca de 30 casas”, conta o médico.

Logo que chegou a Brasília, Fran foi nomeado médico do Hospital Juscelino Kubitschek de Oli-

veira (HJKO), localizado onde hoje está o Museu Vivo da Memória Candanga, no Núcleo Bandeirante. Lá, ele atendeu candangos de todas as partes do país. “Era impressionante ver como tinha gente de estados diferentes por aqui. O Brasil estava reunido em Brasília”, lembra. Dessa maneira, o trabalho para os médicos que se aventuravam por aqui era grande.

“Começamos a medicina de Brasília da estaca zero, pois a ci-

dade ainda não estava pronta e não tinha um hospital de grande porte, como veio a ser o Hospital Distrital logo depois. O trabalho grosso acabava sobrando para o HJKO”, afirma o pioneiro. Até mesmo conseguir remédios não era uma tarefa muito fácil, pois alguns medicamentos mais específicos tinham que ser encomendados do Rio de Janeiro ou de São Paulo. “Mas não demoravam quase nada a chegar aqui. Tão logo

FRAN, DE TERNO ESCURO NO CENTRO, EM REUNIÃO NA ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE BRASÍLIA, EM 1965

solicitados, eram enviados via aérea para cá”, ressalta Fran.

O médico calcula que eram atendidos cerca de 15 candangos por dia. O atendimento, portanto,

PIONEIROS

Recém-formado em medicina, o pioneiro chegou a Brasília antes da inauguração, em 1960. No mesmo ano foi para São Paulo fazer um curso de especialização, mas voltou dois anos depois

FRAN VEIO ATRÁS DE OPORTUNIDADES PROFISSIONAIS E ACABOU FICANDO, TENDO TRÊS DOS SEUS QUATRO FILHOS NASCIDOS NA CAPITAL. HOJE CASADO COM MARIA DO SOCORRO, CURTE OS NETOS



tinha que ser rápido e as diferenças culturais e sociais entre os próprios candangos acabavam originando histórias pitorescas. “Lembro-me de um paciente que reclamava de problemas gástricos. Quando perguntei como estava a sua obra, referindo-me ao seu intestino, ele me respondeu que a obra estava ainda no esqueleto, referindo-se à construção na qual trabalhava”, exemplifica um divertido Fran Gonzaga Lima.

Plantão

O trabalho no HJKO era tanto que nem mesmo no dia da inauguração houve folga para todos os médicos. Uma equipe de quatro deles estava de plantão e Fran fazia parte dela. “Felizmente não houve nenhuma ocorrência grave e tivemos uma noite tranqüila, mas sem poder participar da grande festa que estava sendo realizada na Esplanada e na Praça dos Três Poderes”, lamenta Fran, fazendo questão de acrescentar que, mesmo assim, a emoção daquela noite foi sentida por ele. “Mesmo estando no hospital, nos emocionamos ao saber que estávamos vivendo um momento histórico para o Brasil”, garante.

Depois da inauguração, as coisas foram “aos poucos” melhorando para a medicina da capital. Com a inauguração do Hospital Distrital, a infra-estrutura deu um salto muito grande. “A boa vontade e a competência de Ernesto Silva foram fundamentais para esses avanços”, elogia o pioneiro, que não foi trabalhar no novo hospital, mas continuou como clínico no HJKO.

Ainda em 1960, Fran resolveu ir para São Paulo fazer uma espe-

cialização em clínica cardiológica com grandes nomes da área, como o ex-ministro Adib Jatene. Dois anos depois, ele estava de volta, “morto de saudades”. No retorno, muitas novidades chamaram a atenção do pioneiro — todas boas, naturalmente. “AW3 Sul estava toda asfaltada, a Asa Norte começava a ser construída e, além de um Hospital Distrital bem consolidado, a cidade já contava com centros como o Santa Lúcia. Trabalhou-se muito ainda pela construção de Brasília até uns cinco anos depois da inauguração”, afirma Fran, ressaltando que a crise política que o país atravessava desde a saída de Juscelino do poder não afetava Brasília. Além disso, a medicina na cidade estava muito mais estruturada. “Já tínhamos congressos, conselhos e associações médicas e toda a infra-estrutura digna de uma capital. Em dois anos, o progresso foi algo assustador”, lembra.

O cenário montado era perfeito para que Fran exercesse sua

“**ERA IMPRESSIONANTE VER COMO TINHA GENTE DE ESTADOS DIFERENTES POR AQUI. O BRASIL ESTAVA REUNIDO EM BRASÍLIA**”

veia política tão ativa nos tempos da faculdade, mas que não andava muito evidente por aqui. “Sempre gostei muito dessa par-

te de articulação política ligada à medicina, mas ainda não havia tido oportunidade de mostrar isso aqui”, conta. Dessa forma, Fran foi subsecretário da Associação Médica de Brasília, em 1962, diretor do Hospital São Vicente de Paula, em 1965, e presidente da Associação Médica de Brasília, em 1968. “Era tanto nome que eu escrevia nas atas que conhecia o nome e o sobrenome de centenas de colegas. Hoje, a classe não é tão unida e muitos médicos que foram colegas ficam anos sem se ver”, lamenta. Depois disso, Fran resolveu não mais concorrer a cargos eletivos, mas até hoje é membro ativo da associação e comparece e participa das reuniões. A maior parte de sua carreira foi dedicada ao posto de saúde modelo da W3 Sul, onde trabalhou de 1958 até se aposentar, há cerca de dois anos, e ao antigo IAPI, que passou a ser INPS e, mais tarde, Ministério da Saúde. “Acompanhei todas as mudanças de siglas e nomes do Instituto”, brinca.

Raio X

Nome:

Fran Teixeira Gonzaga Lima

Idade:

68 anos

Origem:

Belo Horizonte, Minas Gerais

Ano de chegada a Brasília:

1960

Profissão:

Médico cardiologista

Estado civil:

Casado

Esposa:

Maria do Socorro Diniz

Filhos:

Jacqueline, Bruno Augusto, Cláudio Augusto e Fábio Augusto (do primeiro casamento com Ana Lúcia Neiva)

Netos:

Rafael, Gabriel, Raquel, Karine, Caroline, João Lucas, Ana Luísa e Marcel.

Bisneto:

Igor